

QUASE  
GUARDIÀ



RAFAELLA MARQUES

QUASE  
GUARDIÃ

ELEITA PELA MAGIA

LIVRO 2



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Rafaella Marques, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL  
**Jadna Alana**  
**Raquel Escobar**

ANÁLISE CRÍTICA  
**Márcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

CAPA  
**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Marques, Rafaella.

Quase guardiã / Rafaella Marques. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-17-5

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

Para todos os eleitos que acreditaram  
na jornada mágica de Luna.



*Creio que quase sempre é preciso um golpe  
de loucura para se construir um destino.*

Marguerite Yourcenar





# I

## REVELAÇÕES

Eu estava jogada na minha cama esperando Kathryn chegar. Tínhamos combinado de voltar para nosso quarto no colégio Lukychai, na cidade mágica estadunidense, às 20h, mas não tinha conseguido evitar; chegara um pouco mais cedo.

Poderia muito bem acessar a internet ou assistir à televisão — que fora colocada lá depois que eu queimara a anterior, não me pergunte como — para matar o tempo enquanto Kathryn não chegava, porém não queria me levantar. Era domingo, e haveria aula no dia seguinte. Seria o início da segunda etapa de estudos, e eu estava ansiosa; novas aulas mágicas seriam introduzidas. Ouvira boatos de que esse ano finalmente aprenderia como voar e conheceria alguns feitiços legais.

Além disso, estava morrendo de saudade dos meus amigos. Passar aquele mês de férias com a minha família humana tinha sido ótimo, no entanto a verdade era que Lukychai tinha se tornado minha casa. Tinha começado a aceitar as mudanças em minha vida, e a maior delas era que agora era uma imortal, e a cidade mágica era meu lar; o lugar ao qual verdadeiramente pertencia.

O ano anterior tinha sido caótico: havia sido eleita pela magia, o que, em poucas palavras, significava que estava destinada

a morrer, mas, por algum motivo feliz e desconhecido, a magia me escolhera para ser uma bruxa, dando-me a oportunidade de alterar aquele trágico fim.

Eu sei, é muita coisa. Eu tinha demorado para assimilar também. Na verdade, nem tinha certeza se já tinha captado tudo, porque parecia que ainda não conhecia nem um terço dos mistérios que aquele novo mundo guardava.

Não havia parado por aí. Kathryn, minha colega de quarto e melhor amiga, tinha entrado comigo em um portal mágico bizarro, o que não fora nossa ideia mais brilhante. Acreditávamos ter ficado fora por cerca de três dias, pois o tempo passava de uma forma diferente lá dentro. No exterior, no entanto, haviam se passado meses.

Nós duas tínhamos tido de estudar loucamente no finalzinho do ano e fazer umas provas extras para acompanhar o restante das turmas. Depois, ficáramos de férias e fôramos para as nossas segundas casas. Com um ímpeto, lembrei-me dos acontecimentos do fim de semana em que voltara para a minha.

Eu mal havia chegado e havia sido recebida com muitos abraços. Ashley, minha irmã mais nova, chiara bastante, reclamando que sentira a minha falta. Ela tinha onze anos e estava inconformada por eu ter perdido seu aniversário no último ano. Se ela soubesse onde eu estava...

Droga!

Com um susto, percebi que tinha perdido até o *meu*. Estava dentro do maldito portal de Mirvtown quando supostamente acontecera. Mas teoricamente eu não o havia vivido. Que confusão! Eu tinha dezesseis ou dezessete anos?

Decidira que falaria para as pessoas que tinha dezessete. Ponto.

Meu pai, Welliton, abraçara-me, satisfeito por me ver em casa mais uma vez. Andrea, minha mãe, fingira estar despreocupada,

mas eu sabia que por dentro já estava quase louca — ela era o único membro de minha família que conhecia a verdade sobre a minha nova vida.

Tivera de inventar um milhão de coisas para Ashley e meu pai, dizendo que estava em um colégio interno de alto nível chamado Arield's Mattoy, para o qual tinha ganhado uma bolsa de estudos. Eu inventara até que havia feito uma excursão para o exterior. Na verdade, realmente havia ido para fora do país, talvez até para fora deste mundo, mas não do jeito que eles pensavam.

Mais tarde, a sós com minha mãe, tinha contato toda a verdade. Tudo mesmo, nos mínimos detalhes. Falara sobre os monstros que havia enfrentado dentro do portal, sobre a terrível aparência do lugar, sobre como tinha me alimentado, e tinha deixado claro que não precisava se preocupar: eu tinha feito exames com os médicos bruxos e estava tudo bem agora.

Era isso o que importava.

O fluxo de recordações fez com que uma lembrança ainda mais antiga me atingisse.



*Era a noite do Torneio de Magia anual do Lukychai. Eu tinha escutado uma garota perturbada, Sophia Backster, alegar que ajudaria certo mestre. Fiquei paralisada na porta do banheiro, no qual ouvi o fim de sua conversa. Quando ela abriu a porta, ainda se despedindo e desligando o celular, deparou-se comigo, totalmente estupefata.*

— O que faz aqui? — questionou, encarando-me.

— Ouvi o que você disse. — Foi tudo o que pude dizer. Ela continuou me fitando, talvez decidindo o que faria para me manter calada. — Não sabia que você servia a alguém — murmurei e depois me senti uma completa idiota.

*A garota me olhou com desprezo.*

*— Vá embora — falou finalmente.*

*— Quem é ele? — indaguei. Sophia cruzou os braços. Fiz o mesmo. — Hely Didier? — sugeri, arqueando as sobrancelhas. Hely Didier era um psicopata assassino. Eu não sabia muito mais sobre ele, apenas que era perigoso e que estava tramando alguma coisa. À menção do nome dele, a garota crispou os lábios com força e franziu o cenho. Lembrei-me de uma coisa que me fez estreitar os olhos. — Quando Anne Hershberger anunciou que viria para cá, ele ficou sabendo disso rápido demais. Disse que uma fonte interna havia contado. Foi você, não foi?*

*Sophia arregalou os olhos, demonstrando surpresa por eu saber daquilo. É claro que nunca imaginaria que eu tinha conseguido a informação através de uma visão que me viera em um sonho.*

*Repentinamente, empurrou-me e me segurou contra a parede.*

*— Fique fora do meu caminho. Não sou Kendra. Não se meta comigo. — Dizendo isso, virou-se e partiu em direção ao refeitório.*



Kathryn entrou no quarto, e me afastei das memórias que tentava evitar nos últimos dias. O cabelo dela estava num tom quase escarlate, preso em um rabo de cavalo. Vestia um casaco puffer com capuz que parecia desproporcional à temperatura. Ainda era verão, afinal.

*— Luna! — O sorriso iluminou seu rosto, bem como o meu. — Como senti a sua falta!*

*— Kath!*

Levantei-me e nos abraçamos. Depois, ela jogou a mochila na cama dela e se sentou.

*— Como vai a minha melhor amiga? — Pareceu sincera ao perguntar. — Como foram as férias?*

– Foram excelentes. E as suas?

– Ah, foi muito bom ficar com a minha família. Mas, você sabe, é impossível não sentir saudade da agitação daqui.

Assenti e olhei para a minha amiga. Eu confiava nela. Toda aquela história com Didier tinha me azucrinado durante as férias inteiras. E continuaria. Precisava falar com alguém sobre isso antes que perdesse a cabeça. Melhor que fosse ela.

– Kath, tem algo que preciso contar – confessei.

– O que houve?

Kathryn franziu as sobrancelhas.

Suspirei.

– Tudo começou quando tive uns sonhos estranhos...

– Sonhos estranhos?

– É. Estava em uma salinha revestida de preto pequena e apertada, e ouvia umas coisas. Depois juntei os fatos e percebi que era um aviso, mas presumi tudo errado.

– Do que você tá falando? Que aviso? – averiguou.

– Um bruxo chamado Hely Didier conseguiu um capacete que controla mentes. Achei que ele queria entrar na cabeça de Anne Hershberger e, através dela, chegar aos outros Superiores e controlar todo o mundo mágico.

Os Superiores eram a liderança do nosso mundo. Eles formavam o CIB – Conselho Internacional de Bruxos. Eram superpoderosos e incríveis, disso todo mundo sabia. Logo que tinha conhecido Hershberger, só pudera ter ainda mais certeza. Sério, a mulher parecia ser invencível. Nunca tinha conhecido alguém que inspirasse tanto prestígio.

– Ai, não. Isso é bem ruim.

– É ruim, sim, mas eu estava errada. Naquele dia, na biblioteca, depois que você e Damra saíram, contei tudo para Anne, que me

deixou ir com ela confrontar esse cara; desde que ficasse escondida. Só que, quando chegamos lá, descobrimos que ele não queria usar o capacete para comandar a mente de Anne.

— E para que ele o queria, então?

— Esse é o problema, não sabemos. Seja o que for, parecia que já tinha conseguido. Depois fugiu. Ah, e ele também matou um cara.

Soltei o ar, aliviada por colocar aquilo para fora de mim.

— E você me deixa de fora de tudo isso? — reclamou.

— Desculpe. — Dei de ombros. — Anne me disse que era melhor não contar a ninguém.

Era verdade. E lá estava eu, descumprindo a ordem de uma Superior. Bem, se você parar para pensar, ela me dissera que era melhor que ninguém soubesse, e não que não devia falar. Teoricamente eu nem era tão fora da lei assim.

— Caramba. — Kathryn parecia absorver toda a história. — Isso é péssimo *de verdade*.

— E tem mais — continuei. — Lembra-se de Sophia Backster?

— Lembro, é claro. Impossível esquecer uma menina tão estranha.

— Ela está trabalhando para ele, tenho certeza — assegurei, apesar de a essa altura já ter ficado claro que eu era péssima tirando conclusões. Dar uma de Sherlock Holmes não funcionava muito bem comigo. — Eu a escutei falando no telefone com alguém que chamava de “mestre”. Era assim que esse cara era chamado nos meus sonhos.

— Temos que fazer alguma coisa — afirmou.

— Eu sei, mas o que se nós nem sequer sabemos quem é ele? Nunca o vi.

Kathryn ficou quieta, pensando.

— A gente podia contar para o resto do pessoal — sugeriu.

Refleti por um momento. Isso definitivamente violaria ainda mais as ordens de Anne Hershberger, porém eles eram o meu *squad*. Eu sabia que poderia contar com eles para qualquer coisa, assim como poderiam contar comigo também.

— É, vamos fazer isso — anuí.

Kathryn pegou o smartphone e ligou para Tassy, dizendo que ela e Christine deveriam ir para a biblioteca. Eu já tinha observado que, por ali, as pessoas não eram fãs de aplicativos de mensagens. Era esquisito, já que no meu antigo mundo tudo era motivo para se criar um grupo no WhatsApp.

Enquanto isso, apanhei o celular — um novinho, que havia ganhado depois de o meu ter virado um monte de estilhaços em um banheiro de aeroporto na Itália — e liguei para Ryan, dando o mesmo recado para ele e para Patrick. Facilitava o fato de todas as duplas serem colegas de quarto.

Sáímos do nosso e entramos elevador, descendo para o salão principal feminino. De lá, pegamos o amplo corredor e chegamos no caminho para o refeitório, mas, em vez de entrar nele, viramos à esquerda para mais alguns corredores até chegarmos ao pavilhão cheio de portas. Adentramos o recinto que sustentava a plaqueta “biblioteca”. Christine e Tassy já estavam lá. Sentamo-nos à mesa e esperamos Patrick e Ryan chegarem.

Primeiro de tudo, as saudações. Estávamos fazia um mês longe uns dos outros e havia muito para colocar em dia. Assim, antes de lançar as bombas, resolvi que devia deixar a conversa saudosa fluir um pouco. Christine parecia ainda mais alta, e Tassy, mais baixinha ainda; se é que isso era possível. Patrick parecia manter seu costume de nunca ficar parado, sempre agitando alguma parte do corpo, e Ryan exibia covinhas profundas de tanto sorrir. Simplesmente amei ter reencontrado meus amigos, estava mesmo com saudade deles.

Quando achei que estava ficando tarde, iniciei os relatos, e Kathryn me acompanhou. Contamos toda a história. Assim que terminamos, estavam todos chocados.

— E se nós contássemos para Anne Hershberger sobre Sophia? Ela é uma Superior. Se alguém pode arrancar a verdade dessa garota, é ela. — Patrick foi o primeiro a propor uma saída.

— Não! — bradou Tassy. — De jeito nenhum! — Todos olhamos para ela, surpresos. Não esperávamos aquela reação. Ela logo se explicou: — Nós não temos provas de nada.

— Eu a ouvi falando que ajudaria algum mestre. Tenho certeza! — exclamei.

— Acreditamos em você, Lu. Mas, se Hely Didier é um criminoso procurado pelo CIB, essa é uma acusação grave. Não podemos apontar a garota como parte de uma conspiração sem ter como provar o que dizemos. Sophia pode negar, e será a nossa palavra contra a dela — Tassy contra-atacou.

Fiquei quieta. Ela tinha razão. Senti-me orgulhosa de ter uma amiga tão inteligente. Tassy, com seus cabelos encaracolados e pele preta clara, era a garota que ficava no topo quando o assunto era estudo.

— Também não sabemos do que isso tudo se trata — acrescentou Christine.

— Seja como for, não podemos falar nada a ninguém até termos certeza de alguma coisa — concordou Ryan.

— De uma coisa nós sabemos — afirmou Kathryn —, algum bruxo estúpido está tentando fazer alguma coisa ilícita, e para isso está contando com a ajuda daquela aluna detestável.

Nesse momento, o estridente sinal que indicava o toque de recolher ressoou. Kathryn e eu nos despedimos e voltamos para o nosso aposento. Teríamos que pensar em um jeito de descobrir



quem era esse bruxo abusado, qual tinha sido o seu propósito com o capacete controlador e o que estava planejando agora.

Naquela noite estávamos exaustas demais, no entanto.

— O que você acha que vai acontecer agora, Lu? — perguntou Kathryn ao entrarmos no quarto, quebrando o estranho silêncio que se formara no caminho para lá.

— Não sei.

Contive um suspiro. Sem mais conversas, entrei no banheiro e escovei os dentes. Meus cabelos castanho-claros estavam caídos quase na metade das minhas costas e pareciam ter ganhado um brilho excepcional — se além de me livrar das rugas pudesse ficar com um cabelo maravilhoso, então ser bruxa era algo que estava saindo melhor do que esperava. Meus sentidos estavam aguçados e linhas roxas serpenteavam pela minha coxa, porém as mudanças em meu corpo ainda não haviam de fato sido concretizadas. Muita coisa ainda aconteceria.

Saí do banheiro, permitindo que Kathryn entrasse. Joguei-me na cama e fechei os olhos. Percebi, alguns minutos depois, que minha amiga saiu da toalete e suspirou. Fingi já estar dormindo. Ela apagou a luz e se deitou em sua cama.

Meus sonhos idiotas me levaram mais uma vez para a solução dos nossos problemas.

Ou talvez para o começo deles.